

Os custos da negociação

Os livros de contabilidade do Governo devem registrar, em Brasília, os custos de uma renegociação de dívida externa — dado que jamais foi fornecido à opinião pública. O que se sabe é que todo o processo é custeado unicamente pelo devedor (ou seja, no caso, pelos contribuintes brasileiros) — até mesmo a comida que é servida aos banqueiros nas longas reuniões com os representantes do Governo.

Hospedar-se em bons hotéis e ter acesso a restaurantes de primeira é, obviamente, algo inerente ao cargo e às circunstâncias. Mas há vezes, como em setembro do ano passado, que os cofres públicos po-

deriam dispensar um pouco menos.

O Ministro Mailson da Nóbrega viajaria com uma razoável comitiva a Berlim Ocidental, para a reunião anual conjunta do Banco Mundial e FMI. Mas tinha de fazer um desvio em sua rota, para passar por Nova York e assinar, por fim, o acordo feito com os banqueiros.

O grupo chegou de manhã à Nova York para a assinatura do contrato e, em seguida, embarcaria para a Europa. Antes disso, porém, foram alugados vários quartos de hotel de luxo — com diárias superiores a US\$ 100 (NCZ\$ 325 ao câmbio paralelo) — apenas para que cada membro da comitiva tomasse um banho e prosseguisse a viagem.